

Sobre êxodos e migrações

As migrações, que historicamente ocorreram por vários motivos, ganharam no final do século XX e nestas décadas de nosso século, com a vigência do neoliberalismo em escala mundial, uma dimensão muito maior.

A concentração da riqueza e da renda não produtiva, que provoca desemprego, subemprego, enfim, precarização das relações de trabalho, impõe a trabalhadores/as e suas famílias procurarem novas e melhores condições de trabalho e vida.

Por outro lado, as guerras e conflitos, provocados direta ou indiretamente pelas potências (EUA E União Europeia) por controle das fontes de energia e pela imposição do modus operandi ocidental levam populações inteiras a defender a vida, buscando abrigo em outros países. Quem não viu a cena de Ailan, menino curdo que, fugindo do conflito com sua família, morreu afogado no Mar Mediterrâneo? Quem não vê todos os dias o verdadeiro êxodo de sírios, africanos do norte da África e de outros países fazendo travessias em embarcações precaríssimas e, quando ainda vivos, percorrerem a pé centenas de quilômetros para tentar chegar a algum lugar que os acolha?

Sim, ainda há alguma ajuda humanitária a esses refugiados! Mas, e essa é a pergunta essencial: quando essas pessoas forem disputar um posto de trabalho, ou seja, condições de sobrevivência, receberão o mesmo tratamento humano?

Certamente não! No mundo todo, cresce a xenofobia! Cercas físicas (arame farpado, muros intransponíveis) e barreiras culturais aparecem mais e mais a cada dia (e noite) para tornar quase impossível a existência dessas pessoas. Quem ainda não viu a cerca construída pela Hungria para impedir a passagem dos retirantes por seu território? A França e outros países só aceitarão refugiados se forem cristãos! Como se todos os que buscam refúgio fossem do Estado Islâmico!

E em nosso país? Embora sejamos um país de imigrantes, também cresce a xenofobia. Imigrantes são assassinados, o que provoca comoção em grande parte das pessoas, mas será que a mesma comoção existe quando se disputa uma vaga de trabalho, ou quando uma criança imigrante vai para a escola? Sabemos que não. Há muita discriminação, há muito bullying, há muito preconceito contra os “de fora”. Enfim, há muita desumanidade no trato com as diferenças.

E, nas sociedades atuais, com o aumento das desigualdades, as migrações tendem a crescer e as legislações a se tornarem mais duras. Veja-se a Europa em que grande parte dos países impede ou dificulta ao máximo a entrada e a permanência de migrantes, não regularizando sua situação, mantendo-os como párias da sociedade.

Na etapa atual, o Brasil atraiu migrantes de várias partes do mundo, especialmente da América Latina, Caribe e África, devido à busca de emprego e melhores condições de vida. Há também uma onda migratória de retorno, ou seja, de brasileiros que viviam na Europa e, devido à crise que a Europa está vivendo, especialmente nos países que eram destino de muitos brasileiros- Portugal e Espanha, nossos patrícios retornam em busca de trabalho.

Embora a situação de grande parte dos imigrantes que estão em nosso país esteja regularizada após a anistia concedida por Lula, nossa legislação ainda é uma das piores do mundo. Baseada na Doutrina da Segurança Nacional, da ditadura militar, ela criminaliza os imigrantes e impede-os de atuarem nos sindicatos.

Defendemos sempre a livre circulação de trabalhadores, trabalhadoras e suas famílias, assim como o direito de migrar, não migrar e o direito de retorno. Se essa é uma realidade em países do Mercosul, não o é para muitos outros. Assim, ao lado das ações de combate à xenofobia, à discriminação etc., defendemos mudanças na legislação brasileira. Há um Projeto de Lei, já aprovado no Senado e, agora, em tramitação na Câmara dos Deputados que garante um novo estatuto aos migrantes, com base nos Direitos Humanos e, ainda, a liberdade de associar-se aos sindicatos. Porém, não devemos aguardar a aprovação dessa Lei para abrir nossos sindicatos à filiação de migrantes. Afinal, fundamos a CUT como ato de ousadia frente à legislação sindical. Agora, devemos mudar nossos estatutos para que os sindicatos sejam de todos os trabalhadores, nascidos ou não no Brasil

A CUT tem atuado na questão migratória em vários espaços. Como membro do CNIG (Conselho Nacional de Imigração) trabalha pela liberação de vistos para trabalhadores imigrantes; defende normas garantidoras de direitos.

Além da atuação nesse espaço, mantém parceria com várias ONGS dedicadas aos imigrantes, especialmente o CDHIC (Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante), o CAMI (Centro de Atendimento ao Migrante) elaborando materiais e intervindo em conjunto na defesa dos direitos e na luta pela mudança do marco regulatório. Participa das Marchas anuais dos imigrantes, de sua organização, bem como contribui para a organização de comunidades de imigrantes.

Tem um projeto com o INAS, instituto de atendimento a imigrantes italianos, ligado a CISL e outro, o INCA, vinculado à CGIL (Confederação Italiana Sindical do Trabalho) que, além do atendimento aos imigrantes italianos e seus descendentes, tem ampliado sua atuação para migrantes de outros países, promovendo seminários, distribuindo cartilhas, materiais de divulgação, entre outros.

Devemos continuar e aprofundar essa atuação!

**12°
CONCUT**

**EDUCAÇÃO,
TRABALHO e
DEMOCRACIA**
Direito não se reduz, se amplia

www.cut.org.br

Rua Caetano Pinto, 575
Brás • São Paulo-SP
CEP 03041-000

Fone: (0xx11) 2108-9200

Fax: (0xx11) 2108-9310

